



A RESPOSTA DE BERGSON À NOÇÃO DE IDENTIDADE PESSOAL EM HUME

Pablo Antonio Pelizza

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da FAPESC

1. Introdução

Este trabalho se propõe a examinar uma possível resposta e avanço da filosofia de Henri Bergson (1859–1941) em relação à noção de identidade pessoal proposta por David Hume (1711–1776). O tema é investigado tendo em vista a possibilidade deste colaborar com o esclarecimento das questões acerca da noção de quem somos, mais precisamente, de quem ou o que é o *eu*?

Para isso, contextualizamos a noção de identidade pessoal em Hume, em que, por razões metodológicas, as sucessivas percepções e ideias impedem que o autor elabore o tema mais profundamente, conforme sua declaração no parágrafo 18 do “Apêndice” do *Tratado* (2000). A resolução humeana acerca do *eu* reside na concepção associacionista dada pela imaginação sobre as percepções descontínuas da mente humana. A partir da noção do *eu* como um “feixe ou coleção de diferentes percepções” (*bundle or collection of different perceptions*, no original)¹, Hume apresenta a sua explicação a respeito da crença de sermos uma e a mesma pessoa ao longo do tempo.

Apontamos que o equívoco de Hume quanto ao tema do *eu* está relacionado a uma das características centrais de sua teoria das percepções: a *descontinuidade*. Justificamos este apontamento ao propor que Bergson demonstre que a descontinuidade que Hume vê nas percepções, não é *das* percepções, mas dada por uma necessidade natural do corpo, mediante as diferentes vias dos sentidos. Essa noção, Bergson denomina “educação dos sentidos” (*l’éducation des sens*, no original)² (Bergson, 2010b)³, propondo uma

¹As citações do original, em Hume, correspondem a publicação organizada por Selby-Biege (1960).

²As citações do original, em Bergson, correspondem a primeira edição de *Œuvres*: édition du centenaire (1959).

³Como *Œuvres* (1959) é uma reunião de obras de Bergson, indicamos, na sequência das citações do original, a obra em português. Assim, o(a) leitor(a) poderá, caso deseje, verificar a indicação nas referências.



explicação à continuidade perceptiva. Há descontinuidade na mente, embora apenas quando é a mente que fixa estados para relacioná-los em pensamento. A continuidade é percebida por intuição. Além disso, a partir de uma “*virada decisiva*” (*tournant décisif*, no original) (Bergson, 2010b), Bergson critica o empirismo tradicional e enfatiza a necessidade de avançar em direção à continuidade da “*duração*” (*durée*, no original)⁴. A partir disso, aprofundamos a compreensão da identidade pessoal ao destacar a relação e avanço da descontinuidade humeana à continuidade bergsoniana.

Oferecemos, assim, uma comparação que expressa uma novidade na relação entre David Hume e Henri Bergson, especialmente quanto ao tema do *eu*. Após a análise das noções de descontinuidade e continuidade, seguimos argumentando para uma possível resposta e avanço de Bergson em relação a Hume a partir do ceticismo humeano e do espiritualismo bergsoniano. Afinal, Bergson tem em vista uma dimensão mais profunda da continuidade do *eu*, da duração da identidade pessoal.

2. Metodologia

A análise elaborada nessa pesquisa é constituída a partir de revisões literárias das obras de Hume, Bergson e de comentadores relevantes quanto ao tema do *eu*. Para isso, nos dedicamos às seguintes etapas de estudo: 1) realizar um estudo da filosofia de David Hume sobre o tema da identidade pessoal; 2) analisar o tema da identidade pessoal na filosofia de Henri Bergson; 3) identificar pontos de comparação na filosofia de Hume e Bergson sobre o tema do *eu*; 4) analisar comentadores importantes sobre o tema da identidade pessoal em ambos os filósofos; 5) comparar a descontinuidade em Hume com a continuidade em Bergson; e 6) confrontar o ceticismo de Hume com o espiritualismo de Bergson.

A partir disso, realizamos uma introdução ao tema da identidade pessoal em ambos os autores, situando suas filosofias e contextualizando o problema do *eu* — sendo essa introdução correspondente ao capítulo um. Assim, concedemos espaço para a seguinte disposição de capítulos: 1) Introdução ao *eu* em Hume e Bergson; 2) Identidade pessoal

⁴A “*duração*” (*durée*, no original), não possui referência no português — como indicado na nota de rodapé número 3 —, pois ela é transversal na obra do filósofo; aparece em todas as principais obras de Bergson.



em Hume; 3) Identidade pessoal em Bergson; 4) Descontinuidade em Hume e continuidade em Bergson; 5) O ceticismo de Hume e o espiritualismo de Bergson. Em seguida, uma conclusão dá corpo ao capítulo 6 e encerra nossa pesquisa.

3. Resultados e discussão

A descontinuidade, em Hume, é uma característica chave da sua relação com o tema da identidade pessoal. Pouco evidenciada pela literatura secundária, a descontinuidade carece de evidências dos fundamentos da sua existência na filosofia do próprio Hume. Identificando-a como relevante ao tema do *eu*, notamos a ausência de um ceticismo por parte de Hume quanto à descontinuidade e identificamos um tipo peculiar de abordagem que caracteriza as percepções como descontínuas: trata-se da “consciência-ego” (*ego-consciousness*, no original) (Appelbaum; Lorch, 1978). O filósofo escocês elabora uma investigação “autointeressada” nas percepções particulares que lhe acometem. Essa noção de “autointeresse” destaca os perceptos particulares de um “fundo contínuo” (*continuité d’un fond*, no original) (Bergson, 2010a) e, por fazê-lo, caracteriza-os como descontínuos. Além disso, o “autointeresse” desperta as emoções de *orgulho* e *humildade* para o fortalecimento daquela identidade pessoal dada pela imaginação (T 1.4.6§19; T 2.1.3§2)5.

A partir dessa conjectura, Hume, portanto, teria perdido o fluxo contínuo ao destacar as percepções e caracterizar as próprias percepções como descontínuas. Apontamos que Bergson responde a esse fato com a noção de “educação dos sentidos”, mostrando que a descontinuidade não é das percepções, mas das diferentes vias dos sentidos. Em suma, é dada por uma necessidade natural do corpo. Bergson sugere que insistir na descontinuidade das percepções é um ato da mente que, em pensamento, a partir da atenção e da linguagem, “superficializa”6 a investigação. A “virada decisiva”

⁵Para esse texto, utilizamos abreviaturas para citar Hume, especialmente o *Tratado da Natureza Humana* (2000). A disposição da abreviatura segue o seguinte padrão: (T livro, parte, seção, § parágrafo). Nas referências, indicamos [T] entre colchetes após o título da obra para facilitar a visualização da obra abreviada. Em Bergson, como visto, utilizamos o sistema autor-data; porém, na dissertação, utilizamos abreviaturas também para Bergson.

⁶Também analisamos uma noção contrastante em Bergson acerca do *eu* superficial e do *eu* profundo. O *eu* superficial, a “sombra do *eu*”, ou ainda, o “*eu* fantasma” (Bergson, 2018), é uma perspectiva do *eu* que comparamos com a noção de Hume de um *eu* ficcional, fruto da imaginação (T 1.4.6). A resultante dessa



atua precisamente em buscar a experiência em sua fonte, na continuidade que é a sua natureza. Portanto, por detrás da noção espacializante do *eu* como um “feixe de percepções”, há uma continuidade substancial que não é imóvel, pois é duração, movimento contínuo.

Em Hume, a relação entre percepções é de “exterioridade recíproca” — mediante associação de ideias —, numa espécie de “atomismo das ideias”. Já em Bergson, essa relação é de “interpenetração mútua”. Toda parte “abriga” em si o todo a partir do qual a mente fixa um fragmento. A continuidade é qualitativa, por isso não é expressa em sua completude por meio do pensamento e da linguagem; afinal, a linguagem espacializa e atomiza o movente. É precisamente a linguagem que constitui a superfície do *eu* em distinção à profundidade do *eu*, que é pura qualidade durativa em continuidade. Como não é a mente que percebe a continuidade da duração, Bergson sugere que o melhor termo para essa percepção sem mediação⁷ de contato e coincidência do *eu* para com o próprio *eu*, é a *intuição*.

Nesse sentido, há um contraste cético em Hume em relação a um espiritualismo⁷ em Bergson. Deste ponto em diante, destacamos o cerco argumentativo do ceticismo humeano, evidenciando seus pontos positivos pela verificabilidade empírica dos seus achados em princípios consolidados pelo próprio filósofo; em contraste com o espiritualismo bergsoniano e o movimento intuitivo em direção à duração da identidade do *eu*.

4. Considerações finais

Concluimos que a filosofia de Bergson oferece uma resposta e avanço significativos em relação à noção de identidade pessoal em Hume, corroborando com nossa hipótese inicial. Hume, em sua modéstia⁸ cética, se restringe a uma explicação do

comparação indica que, pela perspectiva de Bergson, a noção do *eu* em Hume é uma noção superficial da mente humana e o *eu* profundo que Bergson aponta não é redutível a essa perspectiva.

⁷O termo “espiritualismo”, ao se tratar de Bergson, é especialmente arbitrário. Utilizamos ele por conta do problema ao qual nos dedicamos nesta dissertação, a identidade pessoal.

⁸Nos referimos a um “ceticismo moderado” (*moderate scepticism*, no original) (Stawson, 2011). O termo “modéstia” é inspirado no parágrafo 18 do “Apêndice” do *Tratado*, onde Hume, após declarar-se “[...] perdido em um tal labirinto [...]” quanto a revisão da seção da identidade pessoal — trecho bastante conhecido na literatura secundária —, declara que “Se essa não for uma boa razão *geral* para o ceticismo,



eu como uma ficção resultante da associação de percepções descontínuas; já Bergson, propõe a compreensão do *eu* como uma continuidade viva, heterogênea e qualitativa.

Em Hume, a descontinuidade é vista como um produto da ação da inteligência que espacializa a realidade. A continuidade bergsoniana é vista como a continuidade substancial da duração que, no contexto da presente análise, dá “corpo” à noção de *eu* em Bergson. A noção de *eu*, sendo simples, mas variável⁹, desafia as concepções tradicionais e abre caminho para uma compreensão mais profunda da experiência humana. O *eu* profundo se identifica com a duração da consciência, revelando uma dimensão ontológica da identidade que transcende a superficialidade da percepção fragmentada.

Referências

APPELBAUM, David; LORCH, Ingrid Turner. Tracking the Discontinuity of Perception. **Philosophy East And West**, Honolulu, v. 28, n. 4, p. 469–484, out. 1978. DOI: 10.2307/1398650. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1398650?origin=crossref>. Acesso em: 20 mar. 2025.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: UNESP, 2010a. 406 p.

_____. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução: João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 2018. 179 p.

_____. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b. 291 p. (Biblioteca do pensamento moderno).

_____. **Œuvres**: édition du centenaire. ROBINET, André (ed.). 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, PUF, 1959. 1602 p.

HUME, David. **A treatise of human nature**. SELBY-BIGGE, L. A. (ed.). London: Oxford Clarendon Press, 1960. p. 709.

_____. **Tratado da natureza humana** [T]. Tradução: Déborah Danowski. São Paulo: Unesp, 2000. 759 p.

STRAWSON, Galen. **The evident connexion**: Hume on personal identity. Oxford: Oxford University Press, 2011. 165 p.

ao menos é uma razão suficiente (como se eu já não tivesse bastante razões) para guardar uma desconfiança e modéstia em todas as minhas decisões” (T Apêndice §18).

⁹Diferente da noção tradicional de substância como algo simples e invariável, imóvel, Bergson sugere a duração como uma substancialidade movente